

TRILHOS DA LIBERDADE: DIÁLOGO FILOSÓFICO COM PLATÃO E BYUNG-CHUL HAN (*A CAVERNA*, DE JOSÉ SARAMAGO)

MARIA ALCINA CARMO DIAS

A nossa grande tarefa está em conseguirmo-nos tornar mais humanos.

José Saramago

1 Alegoria para mostrar as sombras do mundo. Diálogo com Platão

Conjugam-se neste artigo a Literatura e a Filosofia, dois universos ancorados em linguagens díspares, mas ambos vislumbram no seu horizonte o escopo interminável de doar compreensão sobre o homem e o seu lugar no mundo. Enlace que Saramago espraiou nos seus romances, como o próprio referiu em diálogo com Carlos Reis: “Acho que talvez haja uma metafísica nos meus romances. (...) Provavelmente eu não sou um romancista; provavelmente eu sou um ensaísta que precisa escrever romances porque não sabe escrever ensaios.” (2015, p. 48). O entrelaçar do romance com laivos do pensamento filosófico vinca a escrita do autor. É do Homem e do seu viver que aqui me ocupo, dando continuidade à preocupação maior do escritor, porque o agora que nos é dado a torna premente e sobre ela importa refletir, imbuído este presente na lógica do lucro, num consumismo que forja necessidades e gostos, rouba espaço à diferença, alimenta desigualdades,

cerceia a liberdade, “mas as pessoas nem sempre estão atentas aos sinais.” (SARAMAGO, 2010, p. 200).

Nesta obra que aqui se traz, alegoria da sociedade pós-industrial, a pergunta é funda, porque escava o sentido que queremos dar à nossa vida, ao tempo que nela cabe, à liberdade de que queremos ou não dar vitalidade, e nos interpela sobre a verdade e o poder. Parafraseando Eduardo Lourenço, “As grandes obras interrogam. (...) As obras interrogam ou são interpeladas segundo o grau de realidade que manifestam.” (LOURENÇO, 2017, p.33)

O livro *A caverna* (2000) é a que aqui se aborda em primeira instância, no diálogo estreito com os textos do filósofo coreano contemporâneo Byung-Chul Han e o filósofo grego Platão (427- 347 a.C.), este último na sua incontornável alegoria da caverna, texto de *A República* e ao qual Saramago foi buscar o título. Fazendo parte do conjunto de obras inseridas naquilo a que o escritor denominou a “fase da pedra” numa conferência proferida em Turim em maio de 1998, esta que já não é o esculpir literário daquilo que é exterior, como a referência a contextos sociais e históricos específicos e sim entrar no âmago daquilo que nos é humanamente universal, “escavação no existencial da alma humana” (PICCHIO, 1999, p. 13-19).

O romance, com *Ensaio sobre a cegueira* (1995) e *Todos os nomes* (1997), completa uma trilogia de onde interpreta a realidade, analisa o que se vê para além das aparências, forja um sentido mais humano, arrancando do silêncio as palavras passíveis de um outro entendimento e nos lançando numa putativa comunhão na conquista da liberdade mergulhada numa responsabilidade ética maior. Diversificada que é a ficção saramaguiana, ela representa, contudo, um universo de coerência motivacional: a do homem e das questões éticas que enformam o seu agir, onde a alegoria, que se faz acompanhar da ironia, constituem o meio para as colocar abraçado pelo autor (cf. FEIJÓ, 2020, p.320-323).

Denominador comum é também um estilo narrativo eivado de oralidade, com pouca sofisticação de pontuação, a meu ver um marco de sedução para o leitor, um autor que como narrador quer ser entendido: “um livro é, acima de tudo, a expressão de uma parcela identificada da humanidade: o seu autor. (...) O autor está todo no livro todo, o autor é todo o livro, mesmo quando o livro não consiga ser todo o autor.” (SARAMAGO, 1997, p. 40-41).

Por que a alegoria como recurso narrativo, e a dimensão ética que encarna? O que se reitera do filósofo grego do século IV a. C no escritor do século XX, envolvido desde sempre com aqueles que habitam as franjas, o esquecimento da sociedade, e do silêncio do seu não-poder que procurou dar testemunho?

Etimologicamente, o grego *allegoría* significa “dizer o outro”, “dizer alguma coisa diferente do sentido literal; a alegoria “mostra”, mais do que explica, e nesse sentido aufere de um contributo didático, porque dando a uma tese abstrata uma

representação concreta por imagens, é facilmente compreensível. Nos autores de que me ocupo, eivada de pendor moral, mostra uma dimensão do viver dos homens, para desenhar um outro possível para esse viver. Platão escreveu *A República*, de onde se recorta a Alegoria da Caverna, norteado por algumas questões, entre elas, o que tornaria possível uma sociedade justa, da qual não deveria ser escamoteada a educação. Volvidos tantos anos, ainda não conseguimos diluir esta questão, inacabados que somos como obreiros de um mundo melhor.

A célebre Alegoria da Caverna, livro VII, liga-se estreitamente ao símbolo da Linha, com que termina o livro anterior, na qual se delimita a antinomia entre “doxa” (opinião) e “episteme” (saber) que ganhará contornos mais nítidos, com consequências para o viver e sobretudo para a liberdade no texto aqui em questão. (PLATÃO, 1949, 514a-518b). Começa assim:

Suponhamos uns homens numa habitação subterrânea em forma de caverna, com uma entrada aberta para a luz, que se estende ao longo de todo o comprimento dessa gruta. Estão lá dentro desde a infância, algemados de pernas e pescoços, de tal maneira que só lhes é dado permanecer no mesmo lugar e olhar em frente; são incapazes de voltar a cabeça, por causa dos grilhões; serve-lhes de iluminação um fogo que se queima ao longe, numa eminência, por detrás deles; entre a fogueira e os prisioneiros há um caminho ascendente, ao longo do qual se construiu um pequeno muro, no género dos tapumes que os homens dos “robertos” colocam diante do público, para mostrarem as suas habilidades por cima deles.

— Estou a ver — disse ele.

— Visiona também ao longo deste muro, homens que transportam toda a espécie de objectos, que o ultrapassam: estatuetas de homens e animais, de pedra e de madeira, de toda a espécie de lavor; como é natural, dos que os transportam, uns falam, outros seguem calados.

— Estranho quadro e estranhos prisioneiros são esses de que tu falas — observou ele.

— Semelhantes a nós. (PLATÃO, 1949, 514a-515a)

Longa é a citação, mas neste trecho reside, a meu ver, o amago do enlace entre Platão e Saramago. Perfilam-se perguntas: o que permite que este texto lavrado há miríades de anos tenha perpassado as muralhas do tempo e tenha inspirado o escritor contemporâneo e não só? “São semelhantes a nós”, escreve um e o outro, no ontem e no agora. Em ambos se descortina o escopo de nos levar à consciência do modo como habitamos o mundo, à reflexão sobre o modo como vivemos, quem somos, o que fazemos com a liberdade, pois “uma vida sem este exame não é digna de ser vivida” (PLATÃO, 1984, p. 38).

A caverna representa aqui obscuridade, o afastamento da realidade que só fora dela se encontra. Os que a habitam são homens amarrados nos pés e nas cabeças — o retrato da condição humana. Amarrados nos pés e a precária ou ausente ousadia na demanda de um outro rumo; gente que não caminha e são todos iguais. A imobilidade dos pés será porventura consequência das suas cabeças amarradas: não questionam o que está à sua volta, nem quem são, não sabem o que os aprisiona. Os homens, sendo racionais, usam mal a razão, ou até nem sempre a usam. Este torpor mental leva-os a confundir as sombras projetadas na parede: a aparência confunde-se com a realidade — “pessoas nessas condições não pensavam que a realidade fosse senão a sombra dos objectos” (PLATÃO, 1949, 515c); a verdade não mora aqui, mas a “doxa” e a degradação da “polis” colhe alimento e persiste.

Mas este viver feito de sombras não é uma fatalidade e muito menos inevitável; um prisioneiro soltar-se-á. Na posse da liberdade que chamou a si, subirá morosamente e com esforço o caminho que o conduzirá ao exterior da caverna, onde a luz da razão que ao saber conduz e ao bem, lhe fará conhecer a realidade e a verdade que a acompanha. Este homem liberto voltará ao interior da caverna, pois aquele que está na posse de um saber é alguém comprometido com os demais e o mundo, mas a multidão ignara não o acolherá, propensa a permanecer na mundividência em que se modelou.

Deixo agora a caverna de Platão e acerco-me da caverna de Saramago. Aqui se traz a didática da alegoria importada de Platão para através dela se pensar sobre o modo de viver e o homem do nosso tempo, pautado por um progresso lido à luz do desenvolvimento tecnológico, à lógica de mercado, ao consumo que o define. A personagem que encarna a reflexão sobre este capitalismo global e o desafio é Cipriano Algor, “homem grande, de cabelos brancos e rosto castigado” (KOLEFF, 2020). Tal como em relação a esta personagem e às outras, desta e doutras obras, Saramago é parco na caraterização física. A densidade que adquire é traçada pelos seus gestos, pelas suas palavras e até pelos seus silêncios pois “cada pessoa é um silêncio, isso sim, um silêncio, cada um com o seu silêncio, cada uma com o silêncio que é.” (SARAMAGO, 2000, p. 190). Em torno dele se perfilam a filha Marta, o genro Marçal Grilo, Isaura Madruga, com quem viverá uma história de amor, sempre

presente nos romances saramagianos, e o cão Achado, também eles consabidamente personagens incontornáveis, quiçá representativos de um humanismo de que os homens vão carecendo, e recorrentes na obra do escritor (REIS, 2021). A alegoria é aqui vertida na cintura industrial que é a cidade, e o Centro que alberga. Os centros comerciais são hoje parte integrante do roteiro de todas as cidades, subsumindo o pequeno e específico comércio local, e verdadeiras catedrais de consumo. Este de que aqui se fala, é uma cidade dentro da cidade, aliás como todos os outros, um império comercial para traduzir desenvolvimento.

O Centro, como anteriormente se referiu, é o epicentro desta alegoria. Possui casas de traçado uniforme, sem identidade e janelas que não se abrem, onde os seus funcionários devem viver; será para uma delas que Marçal irá com a família, após ser promovido: viver no Centro é tradução de subida na vida, por melhores condições materiais, por segurança, o que exerce sedução. Satisfaz todas as necessidades do viver, sobretudo aquelas que vão sendo criadas e julgadas imprescindíveis, uma oferta de produtos comerciais padronizados, que obedecem ao consumo estatisticamente determinado por uma maioria de consumidores e onde o diferente não tem lugar. Será por isso que a loiça artesanal, e mais tarde os bonecos de barro do oleiro Algor serão rejeitados, e o deixam sem trabalho para sustentar a vida. Como eles, outros mais estarão disseminados por esse mundo fora, despojados dos meios para singrar neste modelo económico, que os lança para as franjas da sociedade, e torna os demais cada vez mais iguais, cada vez mais consumidores.

Cipriano, irá, com as suas cicatrizes interiores, morar com a filha; momentos há em que a liberdade nos abandona, ou nos sentimos impotentes para a manter. Um dia, atrevadamente, descerá ao subterrâneo do Centro, e aqui se situa o epicentro alegórico. O que Cipriano encontra na escuridão são seis pessoas mortas, homens e mulheres, sentados em bancos e amarrados, a olhar em frente e uma fogueira extinta. Entende que não é ali o seu lugar, entende que deve ter força para rejeitar uma vida sem vida, e vai-se embora. Escreve o autor:

Essas pessoas somos nós, disse Cipriano Algor, Que quer dizer, Que somos nós, eu, tu, o Marçal, o Centro todo, provavelmente o mundo todo, (...) Vocês decidirão a vossa vida, eu vou-me embora. (...) Por eles não serem mais do que simples pessoas mortas é que não quero continuar a viver aqui, (SARAMAGO, 2000, p. 334-337).

De algum modo, o escritor traz ainda que outro registo, a metáfora da cegueira que toma no magistral romance *Ensaio sobre a cegueira*. Aqui, em traços

amargos, se desenham os homens como “cegos que veem”: aquela surge ligada à razão que não “ver” o outro, que desumaniza, abrindo por isso infinitos caminhos para o mal; uma desrazão que se denuncia e a que se lança um apelo: “Se não formos capazes de viver humanamente como pessoas, ao menos façamos tudo para não viver inteiramente como animais”. (SARAMAGO, 1995, p. 119). Na *Caverna*, é a cegueira perante certas evidências, sinais que se não veem, porque o pensamento é precário e torna o homem prisioneiro de uma aparência que toma por real e por verdade.

O gesto de pensar significa sempre um certo distanciamento em relação ao mundo das aparências, do comum. O que fazemos com a liberdade? O que aceitamos? O que é a vida boa? O mundo que Cipriano questiona e rejeita, continua a ser objeto de análise, agora fazendo-nos acompanhar de Byung-Chul Han, filósofo cujo pensamento colocamos ao lado de José Saramago.

2 Habitar o tempo

Escreve Saramago logo nas primeiras páginas do romance:

Marçal Gacho afastou discretamente a manga esquerda do casaco para olhar o relógio (...) O sogro deu pelo gesto, mas deixou-se ficar calado, este seu genro é um moço simpático, sem dúvida, mas é nervoso, da raça dos desassossegados de nascença, sempre inquieto com a passagem do tempo, mesmo se o tem de sobra, caso em que nunca parece saber o que lhe há -de pôr dentro, dentro do tempo, entenda- se (SARAMAGO, 2000, p. 13).

Desliza a vida humana no fluir inexorável do tempo, sempre presente nas suas configurações, nas narrativas e nas ficções, sem que todavia saibamos explicá-lo, como afirmou Santo Agostinho no livro XI das *Confissões*, o primeiro a encetar uma reflexão filosófica sobre o tempo. Não pretendemos aqui dar contributos para minimizar essa dificuldade, tão pouco terá sido essa uma das questões do escritor, mais norteado para subverter a conceção da História, como sublinharam, entre outros, os académicos Ana Paula Arnaut e Carlos Reis. O escopo é pensar, esta época nossa, no amparo de Saramago e Chul Han, como dimensionamos o tempo que escorre, e nele alimentamos ou não um bem que também é a liberdade individual e coletiva. Escreve o filósofo coreano:

Já não há diques que regulem, articulem ou deem ritmo ao fluxo do tempo, que possam detê-lo ou guiá-lo, sustentando-o, no tão belo duplo sentido da palavra. Quando o tempo perde o ritmo, quando flui no aberto sem se deter sem rumo algum, desaparece também qualquer tempo apropriado ou bom (...) A época da pressa não tem tempo para aprofundar a percepção (HAN, 2016, p. 14-62)

Marçal Gacho não sabe o que há-de pôr dentro do tempo. Não o saberão outros mais. A aceleração contemporânea pautada na contínua ocupação escamoteia a disponibilidade para pôr um sentido dentro do tempo e nisso esmorece o olhar detido sobre nós, sobre o outro, sobre o que nos cerca. Por entre agitação e a pressa, cerceia o pensamento, e na distraída convivência se vai esbatendo o sentido dos valores que iluminam o humanismo, a finitude da existência, pois: “não há grande diferença entre as coisas e as pessoas, têm a sua vida, duram um tempo, e em pouco acabam, como tudo no mundo.” (SARAMAGO, 1995, p. 62). Não somos imortais, há um fio de tempo que nos cabe, onde fazemos ou não a nossa inscrição para nós mesmos, e para o que de nós há-de ficar como parcela nesse coletivo que fazemos e paralelamente nos faz.

É da conjunção entre continuidade temporal e intervenção do homem como obreiro do seu destino que Saramago esboça a alteridade traçada na personagem de Cipriano Algor. A relação com o trabalho é um dos pilares, traduzida por ele e pelo jovem genro Marçal Gacho. Este recebe a moldura onde tantos cenários contemporâneos de viver cabem: o tempo é quase totalmente absorvido pelo trabalho (Marçal vem a casa de quinze em quinze dias, cumpre zelosamente todos os preceitos, tudo fará para ser promovido), sendo este o palco não onde o homem se realiza humanamente, mas onde se aliena. O tempo já não é prioritariamente um tempo vivido, mas um tempo preenchido, que exerce um poder sem rosto e sem contornos, que corrói a própria consciência que acerca dele se possa ter. Esta absorção consentida, que se faz acompanhar numa aceleração quotidiana, em parte entendida como inevitável numa lógica do ‘ter’, mina paulatinamente o exercício da cidadania ativa, encolhe a dimensão da liberdade.

Byung Chul-Han partilha a visão desencantada e lê nesta época de hiperatividade sinais de retrocesso. Escreve: “A sociedade do século XXI já não é uma sociedade disciplinar, mas sim, uma sociedade de produção. (...) O sujeito sem consciência social parece ser caracterizado pela sua vontade de maximizar a produção”. E ainda: “A técnica de gestão do tempo e da atenção associada ao multifuncionalismo (multitasking) não representa qualquer progresso civilizacional” (HAN, 2014, p. 19-25). Escritor e filósofo parecem convergir num

alerta para uma perda da vivencialidade subjetiva do tempo, diríamos, para o seu esvaziamento na continuada aceleração comandada pela matriz da vincada produtividade das sociedades neoliberais, que absorve o sentido de vida realizada. É um tempo sem descontinuidades, sem pausas, sem narrativa, cerceador do encontro do homem consigo mesmo, com os outros, com o mundo que importa olhar, pensar e habitar humanamente, “porque os dias são todos iguais, as horas é que não”, escreve Saramago. A falta de tempo que amiúde acompanha desabafos quotidianos, não recairá na sua escassez, mas na ausência de um “tempo nosso”. O sentido que aquelas possam ter, ou a ausência dele, depende de nós. Também aqui mora a liberdade.

3 O viver urdido na aparência

A Caverna, enquanto alegoria, tem em meu entender, outro aspetto comum ao filósofo grego e ao escritor português: são alegorias civilizacionais, que de um tempo contemporâneo lançam perguntas, quiçá inquietações e conflitos para o tempo por vir. No ontem e no hoje, homens amarrados, por razões díspares (Platão por ausência de conhecimento; Saramago pelo modo de produção alienante do capitalismo), mas ainda assim amarrados, na leviana confusão entre aparência e realidade. O que na sombra da existência nos aprisiona e se pode perpetuar? De que mundo somos e seremos obreiros? Há que quedarmo-nos para a tarefa do pensar, erodir a postura de homens e mulheres distraídos, absorvidos a produzir e a consumir, porque temos importância no rumo das nossas vidas e no da sociedade — somos cidadãos —, porque é aí que a liberdade e a responsabilidade ética se traduzem e ganham sentido. É para o que aponta Saramago, e com ele Byung-Chul Han.

O sentido do trabalho, a produção de riqueza e as relações de poder que forja, bem como as configurações de sociedade, de vida e de homem, são temas entrelaçados sobre os quais *A caverna* permite pensar. A meu ver, um dos aspectos nevrálgicos da narrativa, e concomitantemente pano de fundo a partir do qual de analisa a liberdade, no que a sua concretização tem de difícil mas também de desafiador, de inconformismo, assunto que também me traz a este ensaio. Para lá me dirijo, nessa demanda interrogativa de José Saramago e que de algum modo é também nossa.

Cipriano Algor, Marçal e o Centro são o eixo em que na narrativa se descontina o assunto atrás referido. Algor é a personagem com maior espessura social e psicológica deste romance. É um homem confrontado com os seus afetos, o seu envelhecimento em paralelo com as metamorfoses da sociedade. Oleiro desde sempre, via modelagem das loiças de barro, não apenas o trabalho que lhe permitia

a subsistência, como parte da configuração da sua identidade e do sentido da vida. O que bem sabia fazer, era também aquilo que era, e tudo isso lhe vinha de um tempo recuado e longo, um labor abraçado pelo avô e que depois o pai aperfeiçoara. Circunspecto, reservado e meditativo, será surpreendido pela recusa algo súbita das suas loíças pelo diretor comercial do Centro, que apegado ao conceito de utilidade emparelhado ao do lucro imediato, lhe cessa a compra, e lhe impõe sem demora, a retirada da que permanecia em stock no armazém, e que sepultará num enorme cova que a terra abriu a caminho de casa. Ciprino Algor é agora um homem vergado por um poder cujos contornos desconhece. Lemos:

Cipriano Algor sentou-se num velho banco de pedra que o avô colocara ao lado do forno, apoiou os cotovelos nos joelhos, o queixo nas mãos juntas e abertas, não olhava a casa nem a olaria, nem os campos que se estendiam para lá da estrada, nem os telhados da aldeia à sua direita, olhava só o chão semeado de minúsculos fragmentos de barro cozido. (...) Não tinha pensamentos nem sensações, era apenas o maior daqueles pedacinhos de barro, um torrãozito seco que uma leve pressão dos dedos bastaria para desfarelar. (SARAMAGO, 2000, p. 127).

A liberdade caminha ao lado de uma certa inconformidade. Este homem em fase madura da vida, onde o futuro é bem mais minguado do que o passado, pois o tempo não espera, agarrará na sua vontade corajosa e persistente, na sua esperança, nos seus valores, que com tudo isso a liberdade se faz, e fará a derradeira tentativa: com o auxílio amoroso e sagaz da filha fará pela primeira vez, bonecos de barro que testemunham profissões que o devir do tempo retirou de cena, em regime experimental acordado com o Centro. Mas estas figuras peculiares e patuscadas, testemunho de uma memória e de um viver, não farão caminho; furtam-se aos padrões de gosto e de utilidade de uma maioria uniforme. Escreve Arnaut que

as personagens de *A Caverna* protagonizam, no seu trânsito por um universo onde as réplicas e as aparências parecem começar a substituir o real e a provocar a morte dos valores tradicionais (como a olaria e o trabalho de oleiro), assim permitindo a emergência de outros valores e de novos sentimentos. (ARNAUT, 2008, p. 47).

Cipriano Algor, não ficará apenas sem trabalho, e com isso sem meios de subsistência que lhe permitam a independência que alimenta a dignidade; fica sem lugar, porque também ele, como os seus bonecos de barro, já não tem utilidade. O que lhe fica? "Cipriano Algor fechou os olhos para convocar o sono, mas a vontade deles foi outra. Não há nada mais triste, mais miseravelmente triste do que um velho a chorar" (SARAMAGO, 2000, p. 288).

Um homem é também a sua circunstância, como disse um dia Ortega Y Gasset. É a partir dela que pensa e age, se ergue a liberdade no que ela tem de reinvenção de caminhos, mas também de muros inamovíveis. Cipriano Algor representa aqui todos aqueles que não são assimiláveis pela lógica do mercado e da tecnologia, e são lançados para as bordas da sociedade: não têm serventia no novo conceito de utilidade. Subtil, mas persistente, aquela alberga uma nova forma de exclusão dificilmente ultrapassável por aqueles que nela são apanhados.

É esse reconhecimento amargo que tolhe Cipriano, e que o cão Achado sente e ampara. Uma vez mais, neste romance o cão possui um humanismo que vai sendo subalterno; uma denúncia que por esta via se faz. A personagem que Cipriano Algor encarna, lança perguntas aos sinais dos tempos, entre elas, a da relação entre o indivíduo e o coletivo: que lugar para o diferente, numa sociedade que se quer para todos? Até onde vai a justiça social para aqueles que o sistema não integra? Diz Saramago: "Mas as oportunidades e as situações é que fazem e desfazem os homens." E acrescenta "que talvez a fraqueza em momentos de cada um de nós não seja irremediável. A vida está aí à nossa espera, quem sabe se para tirar a prova real de que valemos." (SARAMAGO, 2018, p. 157). Voltarei a Cipriano Algor.

Marçal Gacho, genro de Cipriano, é moço simpático de contidos gestos. Carece do perfil meditativo e interrogativo com que é desenhado o sogro. À semelhança das outras personagens saramaguianas, pouco ou nada sabemos dos seus traços físicos, pois o que é relevante são as ideias, os valores, os contextos de vida que protagonizam, e nisso deixam dúvidas e perguntas. Trabalha com afínco no Centro, é obediente e zeloso, almeja uma promoção que o obrigará a ele e à família ir viver para lá. Cipriano e Marçal não representam apenas dois homens em etapas da vida diferentes, enquanto personagens vão mais longe do que isso: testemunham conceções de vida, trabalho, sociedades díspares: a de Cipriano que definha, a de Marçal que emerge e se expande. Esta, que largamente tem ocupado a reflexão e a escrita de Chul Han, é a "sociedade do cansaço" e da "transparência", para tomar de empréstimo dois dos seus títulos. Uma sociedade que nivela os homens, tornando-os elementos funcionais de um sistema, que tudo pretende transformar em mercadoria numa primordial lógica do lucro. O mercado é um poder quase omnipotente e oculto, o útil, o princípio dominante. Marçal Gacho regressa aos braços da mulher apenas ao fim de semana, como foi dito, uma larga fatia da sua vida

é preenchida no Centro executando funções e obedecendo; tendo medo de não ser promovido, como muitos, e ainda como tantos outros, de perder o emprego. É uma cultura do medo, sorrateira, mas que vai grassando. “O sujeito da performance neoliberal é um servo absoluto, na medida em que, não tendo um amo, se explora a si mesmo voluntariamente.” (HAN, 2020, p. 51).

A leitura que aqui faço é a de que ambos, escritor e filósofo, se conjugam no alerta para o esvaziamento do sentido do trabalho e do seu elo com a vida significativa. É o trabalho alienado que vai galgando extensão, não no sentido empregue por Karl Marx, mas no sentido em que o sujeito não o traduz essencialmente como realização pessoal, alimento da liberdade e contributo para o equilíbrio da sociedade, ao invés, esgota-se numa ânsia de eficácia produtividade e consumo. Por escolha individual, se vai cerceando paulatinamente a dimensão construtiva da liberdade, da vivência do tempo e da vida. Gente cansada, sempre a fazer coisas, que não abrem para si próprios a dimensão do sentido de como vivem, do que são, para onde querem ir. Um indivíduo que a si mesmo se explora, diz-nos Han. O que move Marçal Gacho, no qual se não descortina nenhum peculiar entusiasmo pessoal em ser guarda residente, mas essencialmente o firme propósito de cumprir? “É melhor para nós, teremos mais comodidades, melhores condições de vida”. (SARAMAGO, 2000, p. 17). São pois outros valores que se perfilam na hierarquia: condições materiais- ter, segurança, em detrimento da liberdade que se aceita ver diminuída. Pergunta-se: o que torna melhor o homem e o mundo?

O Centro é porventura o testemunho mais contundente da alegoria da caverna, da aparência confundida com a realidade. Nele se manifesta a vida transformada pela tecnologia, os interstícios do poder económico. É nele que descortino de modo acutilante a convergência do pensamento do escritor com o dos filósofos Platão e Han no que diz respeito à configuração da vida e como nela os homens inscrevem o sentido da liberdade. O significado da “aparência” desenha-se nesta dimensão. Aquele espaço imenso, fechado, onde as janelas cerradas vedam o contacto com a realidade exterior, iluminado por luz artificial, qual fogueira na caverna platónica, as lojas de produtos, todas diferentes, mas afinal todas iguais na formatação do gosto.

Os bonecos de barro de Cipriano trazendo a memória de profissões que a massificação obliterou foram rejeitados, já que arredados estavam da aprovação da maioria (o número conta) alicerçada nos critérios inflexíveis do mercado. Lemos:

“ouvir um subchefe de departamento explicar o que é o valor de troca e valor de uso, possivelmente o segredo da abelha reside em criar e impulsionar no cliente estímulos e sugestões suficientes para que os valores de uso se elevem

progressivamente na sua estimação, passo a que se seguirá em pouco tempo a subida dos valores de troca, imposta pela argúcia do produtor a um comprador a quem foram retiradas pouco a pouco, subtilmente, as defesas interiores resultantes da consciência da sua própria personalidade, aquelas que antes, se alguma existiu um antes intacto, lhe proporcionaram embora precariamente, uma certa possibilidade de resistência e autodomínio." (SARAMAGO, 2000, p. 240).

Sob o espectro do mandamento da produtividade e lucro a qualquer preço, e ainda que se verifique um acréscimo da melhoria das condições materiais de vida para muitos, mas não para todos, sublinhamos, o espaço que fica reservado para a diferença, para a liberdade individual, para a cultura, quiçá, para a consciência social é minguado. É preciso notá-lo, para que possamos reparar: "Nunca é demasiado tarde para emendar um erro, mesmo quando as consequências já não têm remédio" (SARAMAGO, 2000, p. 344).

Estamos a caminhar a passos largos para um outro paradigma, para uma mudança civilizacional. Todavia, Byung-Chul Han afirma que não caminhamos para um avanço civilizacional. O indivíduo de hoje está enredado nas teias de um poder cada vez mais complexo, subtil, sedutor, que operando através da razão, faz coincidir liberdade e sujeição. Produtores e consumidores, envoltos em retóricas, avalanche de informação mormente assimilada mas não pensada, elementos de uma cultura da imagem que alimenta convívio com um tempo acelerado, somos cada vez mais iguais uns aos outros no viver, no sentir e no pensar, sem que a pergunta sobre o alcance da nossa liberdade possa irromper na espuma dos dias. Mais sério ainda será a crença de que a vida e o mundo pouco podem acolher a nossa intervenção. Escreve o filósofo:

O poder não opera aqui de modo imprevisível ou irregular nem de modo eruptivo, como o poder da espada, mas antes de maneira contínua, configurando uma continuidade de ideias e de noções, que atravessa a sociedade. (...) O poder opera sobre o esplendor do que está cheio de sentido. (HAN, 2017, p. 47).

Cipriano Algor acabará por abandonar a vida no centro. A vida não ganha alma com inevitáveis, mas com alguma ousadia e a recusa de verdades que inventaram para nós. Não tem trabalho. Tem consigo a soma dos anos, as mãos que lidaram com o barro e a persistência, o amor por Isaura Madruga que o receberá nos seus braços e o acompanhará nos sonhos e nos desafios. O amor sempre estará ao

lado da verdade e da liberdade. Pouco depois, Marçal Gacho seguirá os passos do sogro; para trás ficará a segurança de uma vida no centro, e com Marta, grávida, procurará uma vida que lhes devolva o sentido. Gente que não desiste da liberdade, acredita, arrisca... O mundo poderá ser um lugar melhor. Afinal os homens sempre serão o reduto de todas as crenças, de toda a esperança, de todas as utopias. “É sempre boa a liberdade, mesmo quando vamos para o desconhecido”. (SARAMAGO, 2010, p. 326).

Referências

- ARNAUT, Ana Paula. *José Saramago*. Lisboa: Edições 70, 2008.
- FEIJÓ, António; FIGUEIREDO, João R.; TAMEN, Miguel (eds.). *José Saramago*. In: *O Cânone*. Lisboa: Tinta da China, 2020.
- HAN, Byung-Chul. *A Sociedade do Cansaço*. Trad. Gilda Lopes Encarnação. Lisboa: Relógio d'Água, 2014.
- HAN, Byung-Chul. *O Aroma do Tempo. Um Ensaio Filosófico sobre a Arte da Demora*. Trad. Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio d'Água, 2016.
- HAN, Byung-Chul. *Sobre o Poder*. Trad. Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio d'Água, 2017.
- HAN, Byung-Chul. *Do Desaparecimento dos Rituais*. Trad. Carlos Leite. Lisboa: Relógio d'Água, 2020.
- LOURENÇO, Eduardo. *O Canto do Signo, Existência e Literatura (1933-1957)*. Lisboa: Gradiva, 2017.
- PICCHIO, Luciana Stegagno. José Saramago: a Lição da Pedra. In: *Colóquio/ Letras*, n. 151-152, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1999.
- PLATÃO. *A República*. 3. ed. Trad. Maria Helena Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1949.
- PLATÃO. *Apologia de Sócrates*. Trad. Manuel Oliveira Pulquério. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica. Centro de Estudos Clássicos e Humanistas da Universidade de Coimbra, 1984.
- REIS, Carlos. *Diálogos com José Saramago*. Lisboa: Porto Editora, 2015.
- REIS, Carlos. José Saramago e a Personagem como Alegoria. In: *José Saramago. Nascido para isto*. Lisboa: Fundação José Saramago, 2020.
- REIS, Carlos. Animalidade e Humanidade. In: *Jornal de Letras*, 24 de fevereiro a 9 de março de 2021.
- SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a Cegueira*. 2. ed. Lisboa: Editorial Caminho, 1995.
- SARAMAGO, José. O Autor como Narrador. In: *Ler. Revista do Círculo de Leitores*, n. 38, primavera-verão, 1997.
- SARAMAGO, José. *A Caverna*. 3. ed. Lisboa: Editorial Caminho, 2000.
- SARAMAGO, José. *A Jangada de Pedra*. 16 ed. Lisboa: Editorial Caminho, 2010.
- SARAMAGO, José. *Cadernos de Lanzarote. Diário II*. Lisboa: Porto Editora, 2016.
- KOLEFF, Miguel Alberto. El nervio de su mejor fuerza. Una lectura de João Mau Tempo y Cipriano Algor en clave comparativa. In: REIS, Carlos. *José Saramago. Nascido para isto*. Fundação José Saramago, 2020.